

COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS DO ALTO XINGU: 1884-1998

*Aristóteles Barcelos Neto**

BARCELOS NETO, A. Coleções etnográficas do Alto Xingu: 1884-1998. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 9: 239-255, 1999.

RESUMO: O artigo aborda a formação das coleções xinguanas desde o período das primeiras expedições alemãs pontuando alguns problemas atuais relativos à aquisição, conservação, documentação e pesquisa dessas coleções.

UNITERMOS: História do colecionismo – Coleções etnográficas – Política de aquisição – Cultura material – Índios do Alto Xingu.

No panorama etnográfico das terras baixas da América do Sul, o Alto Xingu tem sido, desde fins do século passado, uma região privilegiada para a formação de coleções. Muito disso se deve às contingências históricas da área e ao interesse que a singular cultura material e arte gráfica xingwana despertaram em vários antropólogos e viajantes que percorreram a região. Apesar do considerável volume de material já coletado,¹ esse tipo de documento não vem sendo sistematicamente explorado por especialistas voltados para o conhecimento etnohistórico e etnográfico da região em causa. Os domínios específicos da cultura material e da arte gráfica xingwana ainda aguardam uma merecida visibilidade; nem mesmo suas singularidades etnográficas e sua importância para o melhor entendimento do sistema social xingvano foram pretexto para estudos mais aprofundados. O Alto Xingu nunca foi contemplado com um estudo comparativo de sua cultura material, como foram, por exemplo, outras áreas também proeminentes em ter-

mos da formação de coleções (Verswijver 1987). A contribuição específica dos estudos comparativos de coleções reside no fato de que eles podem elucidar aspectos das relações intra e interétnicas que muitas vezes passam despercebidos em etnografias que tratam exatamente da mesma temática, mas que tomam outros ângulos de análise, que não a cultura material.²

Tendo em vista que muito pouco das coleções etnográficas xinguanas está conhecido e divulgado, procuramos oferecer um panorama cronológico do colecionismo no Alto Xingu – a partir do levantamento das coleções *in loco* (museus e gabinetes particulares) e das raras publicações especializadas – e uma breve reflexão sobre a problemática da formação de coleções etnográficas indígenas no Brasil.

As fontes pertinentes não foram esgotadas, e dificilmente poderão ser, isso devido ao colossal trabalho que seria localizar e identificar todo o volume de objetos coletados entre os povos indígenas do Alto Xingu desde 1884, ano da primeira expedição científica à região. Pensamos, portanto,

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia.

(1) Aproximadamente 4800 peças foram até hoje coletadas em trabalhos de campo sistemáticos por antropólogos no Alto Xingu.

(2) Sobre essa questão vide a contribuição de Thekla Hartmann (1976) sobre os Bororo.

que o mais importante não seria exatamente inventariar todo o material xinguno existente no mundo, e sim atentar para o volumoso material já recolhido aos museus e buscar meios efetivos de garantir a preservação e o estudo dessa singular documentação etnohistórica. Trata-se de uma questão que merece maior pauta, sobretudo num momento em que a maioria dos museus antropológicos no país enfrentam sérias situações de pouco prestígio e de mínimos investimentos.

Os primeiros dezessete anos (1884-1901) da exploração científica na bacia dos formadores do rio Xingu foram marcados pela formação de grandes coleções etnográficas. O legado científico deixado pelo período histórico abrangido pela *Etnografia Alemã* é bastante expressivo. As duas expedições do Dr. Karl von den Steinen ao Alto Xingu, em 1884 e 1887, deixaram um volumoso material que ainda está só parcialmente explorado. Ao lado de sua obra publicada sobre o Alto Xingu (1885a, 1885b, 1885c, 1886, 1892, 1894, 1906), e da de um de seus companheiros expedicionários, o Dr. Paul Ehrenreich (1890), existe um grande volume de material não publicado: cadernos de campo de Oto Clauss (companheiro na primeira expedição), de Wilhelm von den Steinen (companheiro em ambas as expedições), de Peter Vogel (companheiro na segunda expedição), e do próprio Karl von den Steinen; além desses, há os cadernos de desenhos de Wilhelm von den Steinen de ambas as expedições, e as coleções etnográficas no Museu de Etnologia de Berlim, que só foram parcialmente publicadas.

O mesmo pode ser dito para as três expedições seguintes, duas delas dirigidas por Hermann Meyer, em 1896 e 1898-99, e outra por Max Schmidt, em 1901. Sobre as expedições de Meyer veio à luz, em português, apenas um único artigo (1899b), diga-se de passagem, pouco expressivo em face de sua obra publicada (1896, 1897a, 1897b, 1897c, 1897d, 1898, 1899a, 1899b, 1900, 1906) e não publicada sobre o Alto Xingu – documentos recolhidos ao Arquivo de Pesquisa do Museu de Etnologia de Leipzig e as coleções pertencentes aos Museus Etnográficos de Leipzig, Stuttgart, Berlim e São Petersburgo (Krusche 1977). O elenco dos etnólogos alemães é também integrado pelos companheiros das expedições de Meyer: Karl Ranke e Heinrich Dahlen, em 1896, e Alfred Mansfeld, Friedrich Pilger e Theodor Koch-Grünberg, em 1898-99. Sobre a passagem deste

último pelo Alto Xingu disponho da notícia de apenas uma pequena publicação (Koch-Grünberg 1902) e de vários desenhos conservados no Arquivo de Pesquisa do Museu de Etnologia de Leipzig (Krusche 1977). Sobre seus cadernos de campo nunca encontrei referências, e, se não tiverem sido destruídos pelos bombardeios durante a Segunda Guerra Mundial, pode ser que ainda se achem em Leipzig, Stuttgart, Dresden ou Berlim. Valeria a pena tentar localizá-los, e algum dia traduzi-los ao português.

Tendo em vista a riquíssima experiência de pesquisa de Koch-Grünberg no noroeste amazônico e no Orinoco, conjeturo a possibilidade de que tenham sido feitos registros fonográficos durante a sua expedição ao Xingu. As coleções fonográficas de índios da Amazônia ainda são um tipo de documentação pouquíssimo divulgada e que raramente se encontra em arquivos ou museus etnográficos brasileiros. Tem-se os instrumentos, mas não se tem os registros fonográficos, e muito menos as transcrições musicais: as coleções de museus são, em geral, surdas e mudas. Um instrumento de trabalho de grande importância para a pesquisa etnológica e museológica que seria uma *Documenta Fonográfica Xinguna* (ou Amazônica, caso os investimentos humanos e materiais puderem alcançar tal dimensão), na mesma linha em que foi projetada para a iconografia, a bibliografia e a cartografia (Carvalho, Agostinho & Barcelos Neto 1999).

Até o fim da década de 1930, grande parte do vasto material xinguno foi utilizado nas investigações de etnólogos alemães. Alguns estudos especialmente feitos por Fritz Krause (1936a, 1936b, 1937, 1939 e 1942), a partir das publicações, das coleções e dos documentos de arquivos, estão entre as poucas referências sobre peças roubadas ou destruídas durante a Segunda Guerra Mundial.

Mediante tal volume de documentação etnográfica deixado pelos etnólogos alemães, é de se esperar que suas contribuições sejam contempladas com estudos específicos. Ademais, ainda há muito o que se explorar do potencial de pesquisa deixado pelos mesmos, sobretudo no que diz respeito a Etnohistória, Etnoarqueologia, Etnoestética e cultura material comparada.

Coleções etnográficas são documentos etnohistóricos privilegiados por serem praticamente os únicos que refletem os pontos de vista dos nativos. A partir desses *documentos nativos*, pode-se

evidenciar aspectos cognitivos, estéticos, cosmológicos, tecno-econômicos, de identidade étnica e de história cultural que de outra maneira não seriam evidenciados. Ao lidar com artefatos de coleções museológicas é necessário, por outro lado, ter em vista que eles não são meros objetos ilustrativos de uma cultura exótica, de um passado remoto e saudosista, ou espécimes bizarros ou curiosos. Enfoques teóricos, com os quais compartilho, procuram conferir aos objetos de museus o *status* de documento.

As coleções de museus constituem, na atualidade, um dos gêneros de documento menos utilizado pela comunidade científica. Se esta demonstra pouco interesse, o mesmo não pode ser dito a respeito dos índios, que, nos melhores casos, fundam museus a fim de recolher, conservar, documentar e divulgar sua história e cultura. O caso mais célebre é o do Museu *Magüta* dos índios Tikuna do Alto Solimões. O reconhecimento e os prêmios internacionais que este museu recebeu devem-se ao fato de se tratar de uma instituição concretamente voltada para os interesses indígenas, mas ele não é o único no Brasil: em Goiânia, no Rio de Janeiro e em Belém os museus antropológicos são instituições que contam com o apoio dos índios e que também os apoiam através de projetos em diferentes áreas (alfabetização, formação de professores índios, projetos de autosustentabilidade, monitoramento ambiental, venda de artesanato etc.). Durante meu trabalho de campo em 1998, percebi, entre alguns Waurá, genuína curiosidade a respeito das peças que foram levadas por Karl von den Steinen para Berlim, no século XIX. O chefe Waurá demonstrou espontaneamente interesse em criar um museu em Brasília ou Cuiabá, e pediu meu apoio. Os Waurá têm plena consciência da importância de uma coleção e de seus fins num museu.

O interesse dos povos indígenas em construir a história a seu modo é cada vez mais evidente. Em 1997, a vinda de Portugal da coleção de Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792) levou ao Palácio Rio Negro de Manaus dezenas de grupos indígenas do Amazonas, Pará e Roraima, que discutiram sobre história e etnicidade diante dos testemunhos materiais de sua ancestralidade. Segundo Lux Vidal, essa exposição foi “possivelmente um marco decisivo, pelos múltiplos mundos que ela articula e as múltiplas leituras que nos proporciona” (Vidal 1997a: 3). Transcrevo as impressões da autora sobre a exposição:

“O que mais emocionou os índios, porém, e ao mesmo tempo os incomodou profundamente, foi a presença de objetos que não mais fabricavam, mas que bem conheciam pela tradição oral, especialmente os *pariká* ou bandejas de fumo e um magnífico *Porantim* dos Sateré-Maué. Esses índios, aliás, afirmaram que precisariam que o *Porantim* lhes fosse devolvido para poderem recuperar de forma clara e definitiva a memória de suas divisões clônicas há muito tempo esquecidas. Os próprios índios, finalmente, se convenceram de que o Brasil não teria, por enquanto, condições de preservar esse acervo, tendo em vista o estado lamentável em que se encontram os museus etnográficos no país. Por outro lado, parece ter despertado, em muitos dentre eles, o desejo de construir seus próprios museus regionais como expressão de identidade e afirmação cultural frente à sociedade envolvente”

“O momento mais significativo da exposição foi sem dúvida a visão da imensa ‘vitrine’ aquele ‘outro mundo’ de onde as máscaras dos espíritos do fundo das águas e da mata nos olhavam, com extrema doçura nas suas monstruosas deformações, lembrando-nos ainda com insistente olhar esvaziado a sua antiga ‘humanidade’”

“Uma noite, os Yanomami, fecharam-se no recinto da exposição e, a sós, frente às máscaras, se entenderam com o que apenas eles poderiam lembrar e recriar. Poucos dias depois, as máscaras, que no seu contexto primeiro teriam sido destruídas após o ritual, foram cuidadosamente colocadas em suas embalagens e, como ‘encantados’ que desaparecem de repente da superfície da terra, voltaram para a sua morada do ‘fundo’, Portugal” (Vidal 1997b: 10-11).

O exemplo da exposição da coleção de Alexandre Rodrigues Ferreira, em Manaus, parece realmente excepcional para se pensar a importância que os documentos indígenas (sob a forma de artefatos) têm para os próprios índios e para sua história do contato com o Ocidente. Nesse sentido, as coleções oitocentistas de índios xinguanos levadas para a Alemanha têm um valor inestimável para esses grupos étnicos, que presumivelmente desconhecem ou poucas notícias dispõem da existência delas.

Entre 1884 e 1927 foram coletados, pelas expedições alemãs, 114 artefatos de cerâmica entre os grupos xinguanos (Hartmann 1986b). As peças, produzidas por índios Waurá e Mehináku, são provenientes de quase todas as aldeias por onde pas-

saram os expedicionários, e há informações de mulheres Waurá fabricando cerâmica inclusive em aldeias Carib (Steinén 1940). Várias peças integrantes das coleções oitocentistas alemãs foram destruídas ou saqueadas durante a Segunda Guerra Mundial, no entanto, ainda estão disponíveis as fichas originais e catálogos que proporcionam informações detalhadas sobre as mesmas.

O período subsequente à *Etnografia Alemã* pouco se interessou pela cultura material. Entre 1927 e 1946 são pouquíssimas as coleções formadas na região da bacia dos formadores do Xingu, sendo nenhuma delas sistemática ou com temática específica. No início da década de 1920, a Comissão Rondon formou uma coleção a partir da troca de bens industrializados com os xinguanos que visitavam o antigo posto indígena Simões Lopes. Na década de 1930, Vincent Petruzzo coletou algumas peças para o University Museum da Filadélfia e o Museu Dom José de Cuiabá adquiriu, ao longo das décadas de 1920 e 1930, na mesma região, diversas classes de artefatos, sobretudo cerâmica. Graças a essas coletas foi possível manter uma seqüência cronológica de artefatos de cerâmica dos Mehináku e dos Waurá, que estavam entre os grupos que freqüentavam o posto indígena Simões Lopes (do extinto Serviço de Proteção aos Índios) para efetuar trocas com os *kajaíba* (denominação nativa para o homem branco) ou com outros índios que serviam de intermediários na troca.

Um novo e profícuo período etnográfico no Alto Xingu só veio a ter início em 1947, com a expedição científica do Museu Nacional, sob a responsabilidade de Eduardo Galvão. A partir desse período, a aldeia Waurá será o *locus* da formação das melhores coleções etnográficas do Alto Xingu, e talvez de toda a Amazônia Meridional.

Em 1947, a aldeia Waurá foi pela primeira vez visitada por um *kajaíba*. O projeto da equipe do Museu Nacional previa, pela primeira vez, um estudo sistemático que recobrisse todas as tribos da bacia dos formadores do Xingu, mas que não foi concretizado. A Pedro Lima foi dada a incumbência de pesquisar entre os Waurá (Lima 1950). De 1947 a 1969, pelo menos seis importantes coleções foram constituídas na região, a saber: a de Pedro Lima e Eduardo Galvão na aldeia Kamayurá, em 1947, e a de Pedro Lima na aldeia Waurá, em 1948, ambas adquiridas para o Museu Nacional; a de Robert Carneiro para o American Museum of Natural History, nos anos de 1953 e 1954, entre

os Kuikúro; a de Gerhard Baer, em 1955, na aldeia Kamayurá, e atualmente recolhida ao Museu de Etnologia de Basiléia; a coleção Waurá de Harald Schultz adquirida em 1964 para o Museu Paulista (hoje integrada ao acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP); e a coleção Kamayurá de Pedro Agostinho formada nos anos de 1966 e 1969 e doada ao Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA. A coleção Waurá de Harald Schultz é seguramente uma das melhores e mais completas coleções de cultura material já feita entre um grupo xinguanos; possui numerosos e excelentes exemplares de cerâmica, da parafernália ritual e utensílios diversos, mesmo assim essa valiosa coleção não consegue recobrir todo o sistema de objetos de um grupo xinguanos, como se desejaria.

Nessas últimas três décadas observa-se um franco declínio na formação de coleções xinguanas, especialmente aquelas destinadas aos museus etnográficos. Três exceções podem ser apontadas: as coleções sistemáticas de Günther Hartmann para o Museu de Etnologia de Berlim, em 1983, de Michael Heckenberger para o Carnegie Museum of Natural History de Pittsburg, em 1993, e de Aristóteles Barcelos e Maria Inez Mello para o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, em 1998.

A partir da década de 1970, um acelerado processo de mudanças político-econômicas no Parque Indígena do Xingu fez com que o destino da produção de artefatos xinguanos tomasse novos rumos. Dessa vez, em direção aos antiquários e coleções particulares. Até esse período, o eixo de circulação transcultural dos artefatos xinguanos se dava através do contato entre índios e etnólogos, sendo os últimos os responsáveis pela transferência do material, originalmente adquirido entre os nativos, aos museus. Atualmente essa circulação está mais intensa, só que praticamente saíram de cena os etnólogos e os museus como os principais interessados pela produção nativa. A transferência de artefatos xinguanos para os centros urbanos tem se dado, sobretudo, a partir de uma comercialização direta entre índios, intermediários e donos de antiquários e lojas de artesanato, além da Artíndia/FUNAI, que representa a principal variante institucional do comércio do artesanato indígena em quase todo o território nacional. O destino final dessa produção artesanal tem atingido sobretudo colecionadores particulares e uma massa difusa de curiosos que rasteiam objetos exóticos.

Mesmo que no futuro algumas coleções particulares sejam doadas aos museus públicos, suas possíveis potencialidades de pesquisa, no que diz respeito às linhas tradicionais, mostram-se limitadas, uma vez que o processo de constituição da maioria dessas coleções é, por assim dizer, o mais esdrúxulo e idiossincrático possível. Informações básicas como a origem étnica dos artefatos nem mesmo estão registradas, muito menos informações contextuais sobre os processos de produção e uso dos mesmos. A rigor, a quase totalidade dos artefatos que saem das aldeias xinguanas atualmente têm um destino programado: o mercado da *tourist art*.

Para determinados interesses etnológicos, esse material, proveniente de um processo informal e particular de colecionismo, é pouco atrativo, uma vez que não proporciona dados específicos e estratégicos dos quais necessitam os pesquisadores. Resguardando raríssimas exceções, várias dentre essas “coleções” nem mesmo podem ser chamadas de coleções, pois não formam mais do que um conjunto de peças reunidas aleatoriamente. Apesar dos problemas evidenciados, as coleções de *tourist art* não devem ser negligenciadas: elas possuem qualidades singulares de um tipo de documento que, sem dúvida, proporciona pistas interessantes para se pensar sobre questões relativas às representações do contato.

Em 1994, tive a oportunidade de observar, em Goiânia, a fragmentação de um conjunto singular de peças composto por bancos zoomorfos – estes representando uma variedade da fauna xinguanas de grande importância mito-cosmológica (gaviões, urubus, onças, jaguatiricas, jacarés e macacos) –, pentes de madeira laboriosamente esculpidos e outras classes de artefatos trazidos por alguns Kuitúro para venda. Em um par de semanas, mais de 50 peças únicas dispersaram-se entre diversos compradores, menos entre museus ou institutos de pesquisa. A coleção original trazida da aldeia representava um conjunto riquíssimo de sub-estilos individuais e suas tensões entre a representação, a estilização, a moda e o início da descoberta dos gostos do mercado emergente. Aspectos dessa natureza merecem urgente investigação, uma vez que o impacto da comercialização de artefatos sobre as categorias artísticas e estéticas xinguanas seguem praticamente desconhecidos. No entanto, sem a aquisição de novas coleções sistemáticas em campo o estudo torna-se quase impossível.

Raramente, conjuntos especiais de artefatos selecionados por artistas índios ou coleções siste-

máticas oriundas de trabalhos de campo têm sido adquiridos pelos museus antropológicos no país.³ Tal situação reflete um pouco do isolamento dos museus e seus acervos em relação à política científica vigente na antropologia brasileira. A pertinência desse patrimônio científico para a disciplina raramente tem estado presente na pauta das discussões, sem contar que pouco ou nenhum resultado tem sido alcançado na direção de se estabelecer uma política patrimonial para os museus antropológicos no Brasil.

O caso dos museus de artes plásticas ilustra um exemplo bastante diverso da situação observada entre os museus de Antropologia. Muitas daquelas instituições têm uma clara política de aquisição de obras recentes — de artistas plásticos jovens ou já consagrados — como uma maneira de dinamizar seus acervos para novos estudos, de construir uma memória artística e de manter um espaço de contínua atração e de entretenimento cultural. Seria legítimo que os museus antropológicos recebessem apoio semelhante e que se preocupassem com uma política patrimonial que correspondesse às mesmas necessidades de salvaguardar documentos singulares para a história indígena, inclusive como uma maneira de prevenir a evasão descontrolada desse patrimônio cultural para outros países. No momento, é preocupante o intenso comércio nacional e internacional de artefatos plumários, sobretudo porque muitas das aves silvestres abatidas para a confecção dos artefatos encontram-se num franco declínio populacional ou em extinção devido às queimadas e desmatamentos, sobretudo.

Os museus antropológicos e seus acervos devem assumir um papel de liderança na criação de um canal aberto entre as comunidades indígenas e seu patrimônio preservado, sendo que o mesmo deverá dialogar cada vez com essas populações e não meramente se adequar aos modelos vigentes de curadoria. Vale ressaltar que alguns grupos indígenas já vêm cobrando essa postura de antropólogos e museólogos. Portanto, seria oportuno que uma política patrimonial para os museus antropo-

(3) Para uma discussão detalhada sobre a formação e o estudo de coleções etnográficas e do trabalho antropológico em museus, remeto o leitor a alguns artigos que contribuíram para minhas reflexões: Ribeiro (1986, 1987, 1989); Ribeiro & Velthem (1992); Sturtevant (1969) e Newton (1987).

lógicos se orientasse para a formação de coleções sistemáticas, mas numa perspectiva teórica que procure torná-las *documentos nativos* com potencial para a história indígena.

A importância de se fazer novas coleções, procurando recobrir, num corte sincrônico, todo o sistema de objetos de uma dada comunidade indígena é crucial, uma vez que artefatos de coleções etnográficas constituem documentos de uma exclusividade ímpar, e que quando devidamente explorados trazem contribuições tão decisivas a um trabalho etnográfico, que sua ausência jamais poderia ser substituída por outro tipo de documento. Na impossibilidade de se constituir esse “tipo ideal” de coleção, pelo menos que se formem coleções temáticas de cerâmica, trançados, adornos plumários, conjuntos tecnológicos específicos etc..

Afora isso, coleções etnográficas desempenham não só um papel enquanto recurso de investigação científica: sabe-se que nos museus essas coleções assumem novos significados e abrem horizontes que estão para além de suas potencialidades mais ou menos imediatas de pesquisa. As coleções permitem um uso social extraordinário: são recursos didático-pedagógicos únicos, que possibilitam, através de exposições e outros programas educativos, uma reflexão sobre alteridade, diversidade cultural, visões de mundo, entre outros assuntos, como mostraram as exposições *Índios no Brasil* (Grupioni 1994) e *Índios do Brasil Central* (Barcelos Neto 1994a).⁴

A cultura material de qualquer grupo étnico merece, por si só, especial atenção. Os artefatos de que uma comunidade faz uso não desempenham apenas o importante papel de sua manutenção física. Para além disso, eles são bens simbólicos e de produção simbólica: desempenham um papel essencial na sobrevivência cultural de populações nativas.⁵ Um olhar mais atento sobre a cultura material talvez despertasse entre as sociedades ame-

ríndias renovadas reflexões sobre como estas poderiam se posicionar diante de seus direitos de propriedade intelectual e de autodeterminação.

Levantamento das coleções etnográficas do Alto Xingu

Como mencionado acima, esse levantamento não pretende chegar à exaustão das fontes. O levantamento abrange coleções etnográficas xinguanas de museus brasileiros, europeus, norte-americanos e algumas coleções particulares de pesquisadores. Por razões de espaço, pequenas coleções assistemáticas de um ou outro colecionador particular ou curioso foram excluídas desta lista. Quanto às coleções arqueológicas, estas necessitam de um levantamento à parte que deveria ser levado a cabo por especialistas dessa área.

O problema central para quem pretende estudar as coleções aqui relacionadas reside no fato de que na formação de muitas, talvez da maioria, esteve ausente qualquer tipo de sistematização científica. O que consta, aliás, é que um número muito reduzido de colecionadores estava preocupado com as posteriores potencialidades de explorar cientificamente o material coletado. A principal evidência desse fato é que nenhuma das coleções etnográficas analisadas possui uma documentação de campo com informações exaustivas, ou, pelo menos, quase exaustivas. Chega-se a situações de coleções inteiras sem documentação, sem contar ainda que vários objetos estão contemplados com informações pouco seguras sobre a origem geográfica e étnica e a data de coleta do material em campo. Cheguei a encontrar genuínos artefatos xinguanos identificados como de origem Karajá, Krahó ou Bororo.

Muitos equívocos foram cometidos pelos próprios colecionadores, que não numeraram seu material em campo, que não elaboraram fichas para cada objeto, que não tomaram nota do nome do autor, das circunstâncias da troca ou compra do artefato, enfim, do contexto de formação das coleções.

(4) Em trabalho recente, destinado a professores de 1º e 2º graus, Vidal & Lopes da Silva (1995: 370; 400-401) valorizam a cultura material, representada ou não, em coleções de museus, enquanto recurso didático-pedagógico que permite “uma compreensão rápida e direta de contextos transculturais, e menos sujeita a preconceito e atitudes estereotipadas frente a povos sobre os quais estudantes e professores podem ter, ainda, relativamente pouco conhecimento” (*ib.*: 370).

(5) Uma contribuição interessante sobre o estudo da linguagem simbólica da cultura material em sociedades

ameríndias encontra-se na etnografia de Lúcia van Velthem (1995) sobre as concepções estéticas Wayana. O mesmo tema também é abordado de maneira fascinante por David Guss (1989) no que diz respeito aos trançados dos índios Yekuana da Venezuela.

Devido à ausência de sistemas documentais – catálogos completos, índices remissivos, classificações, fichas de localização, numerações sistemáticas etc. – e de problemas quanto à conservação e organização das reservas técnicas, alguns artefatos e coleções não puderam ser localizados e identificados, não constando, portanto, nesta lista. Se os levantamentos não são feitos *in loco*, dificilmente se obtêm informações detalhadas sobre as coleções. O ideal seria que cada uma das instituições que abrigam as coleções publicassem catálogos completos. Enquanto a divulgação científica dos acervos não for uma das prioridades dos museus, com muito custo os pesquisadores interessados conhecerão o que está guardado em suas reservas técnicas.

O conjunto dos acervos xinguanos relacionados nesse levantamento apresenta uma heterogeneidade e desproporcionalidade desconcertante: os artefatos de origem Waurá e Kamayurá, por exemplo, somam aproximadamente 70% do que foi coletado, em contrapartida os grupos Karib, os Trumai, os Aweti e os Yawalapiti estão extremamente mal representados nessas coleções.

Ademais, a enorme diversidade do sistema de objetos xinguanos está presente de modo muito desigual e descontínuo nas coleções, isso, ou porque são artefatos de produção restrita, ou porque as coletas privilegiaram algumas produções em detrimento de outras, a cerâmica Waurá, por exemplo. Diversas classes de artefatos xinguanos raramente estão representados nessas coleções, e quando encontrados não passam de um ou dois exemplares. O caso dos trançados e do equipamento de caça e pesca merece menção. Pouquíssimos desses artefatos podem ser encontrados em coleções

museológicas. A título de exemplo, a principal coleção xinguanas do Museu Nacional, formada em 1948, por Pedro Lima, possui apenas três artefatos de trançado dentre o total de 141 peças coletadas. Enquanto o conjunto das coleções recobre de modo parcial o sistema de objetos xinguanos, a literatura etnográfica, por sua vez, traz esparsas referências, e com pouca profundidade.

Por tais razões, dificilmente será possível abordar de modo integral as expressões materiais da cultura xinguanas através de um estudo de coleções. Em compensação, as mesmas oferecem vastas possibilidades para estudos temáticos sobre estética, representações visuais, mudanças históricas na cerâmica e nos estilos de ornamentação gráfica (Barcelos Neto 1999) e análises comparativas de cultura material, que ainda estão por ser elaboradas. Embora possua um estimável potencial, o estudo das coleções de museus só tomará novo fôlego a partir da formação de novas coleções sistemáticas e de estudos mais aprofundados sobre arte e cultura material em campo.

Os procedimentos adotados nesse levantamento correspondem aos mesmos empregados por Sônia Dorta (1992), exceto quanto ao uso de números entre parênteses, que indica a quantidade de peças existentes para cada tipo de artefato e para cada etnia. Para a classificação dos artefatos foi adotada a taxonomia elaborada por Berta Ribeiro (1988): Cerâmica; Trançados; Cordões e tecidos; Adornos plumários; Adornos de materiais ecléticos, indumentária e tocador; Instrumentos musicais e de sinalização; Armas; Utensílios e implementos de madeira e outros materiais; Objetos rituais, mágicos e lúdicos.

1. COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS DO ALTO XINGU NO BRASIL

1.1. MUSEU NACIONAL UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Total de peças xinguanas: aproximadamente 1000

Total de coleções: 26

COLEÇÃO: Expedição Fontoura – Xingu

ANO DA COLETA: 1914

CONTEÚDO: 62 peças. Adornos plumários, adornos de materiais ecléticos, armas, cerâmica, tecidos e trançados

ETNIAS: Bakairi e Waurá

OBSERVAÇÃO: A coleção inclui peças dos índios Juruna, Kayapó, Karajá e Kayabi. Das 62 peças

apenas 15 possuem identificação étnica

FONTE: Dorta 1992: 510

COLEÇÃO: Ten. Antônio Pyrineus de Souza

ANO DE ENTRADA: 1915

CONTEÚDO: 62 peças. Adornos de materiais ecléticos, utensílios diversos, armas, trançados, tecidos e amostras de vegetais

ETNIA: Bakairi (62)

FONTE: Dorta 1992: 511

COLEÇÃO: Comissão Rondon – Expedição Ronuro
ANO DA COLETA: 1923

CONTEÚDO: 71 peças, do nº 17567 ao nº 17622 e do nº 18189 ao nº 18201. Cerâmica (4), trançados (10), cordões e tecidos (13), adornos plumários (3), adornos de materiais ecléticos e indumentária (5), armas (32) e utensílios de madeira (2)

ETNIAS: Waurá (69), Bakairi (1) e Mehináku (1)

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Buell Quain

ANO DA COLETA: 1938

CONTEÚDO: 7 peças, do nº 35082 ao 35087. Saco de lã, bolsa trançada, pá de beiju, flauta, 2 seixos rolados e fragmento de machado de pedra

ETNIAS: não especificadas, provavelmente toda a coleção seja oriunda dos Trumai

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Pedro Lima & Eduardo Galvão – Expedição do Museu Nacional com a colaboração da Fundação Brasil Central

ANO DA COLETA: 1947

CONTEÚDO: 140 peças, do nº 35094 ao nº 35233. Cerâmica (37), trançados (5), adornos plumários (9), adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador (4), instrumentos musicais (3), armas (22), pás de beiju (49), paus de cavar (2) e máscaras (9)

ETNIAS: Kamayurá (100), Waurá (37), Trumai (2) e Awetĩ (1)

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Irmãos Villas Boas, Expedição Roncador – Xingu

ANO DA COLETA: 1947

CONTEÚDO: 6 peças, do nº 35234 ao nº 35239. Cerâmica (6)

ETNIA: Waurá (6)

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Pedro Lima

ANO DA COLETA: 1948

CONTEÚDO: 141 peças, do nº 35322 ao nº 35462. Cerâmica (66), trançados (3), cordões e tecidos (3), adornos plumários (1), adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador (11), instrumentos musicais (3), armas (16), utensílios de madeira (26) e máscaras (9)

ETNIA: Waurá (141)

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Pedro Lima – Expedição rio Kuluene

ANO DA COLETA: 1948

CONTEÚDO: 25 peças, do nº 35532 ao nº 35556. Cerâmica (5), trançados (5), adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador (5), instrumentos musicais (1), armas (4), bancos (3) e remos (2)

ETNIAS: Kalapalo (17), Mehináku (5) e Kuikúro (3)

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Pedro Lima – Expedição rio Kuliseu

ANO DA COLETA: 1949

CONTEÚDO: 15 peças, do nº 35557 ao nº 35573. Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador (1), instrumentos musicais (1), armas (10), máscaras (2) e miniatura de Kwarĩp (1)

ETNIAS: Mehináku (6) e Kamayurá (1)

OBSERVAÇÃO: inclui peças dos índios Txikão (8)

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Pedro Lima

ANO DA COLETA: 1950

CONTEÚDO: 3 peças, do nº 35706 ao nº 35708. Cerâmica (3)

ETNIA: Waurá (3)

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Pedro Lima

ANO DA COLETA: 1951 e 1952

CONTEÚDO: 21 peças, do nº 35772 ao nº 35792. Cerâmica (7), trançados (9), instrumentos musicais (1) e máscaras (4)

ETNIAS: Waurá (16) e Kamayurá (5)

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Robert Carneiro & Gertrud Dole

ANO DA COLETA: 1954

CONTEÚDO: 56 peças, do nº 35926 ao nº 35981. Trançados (8), adornos plumários (3), adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador (4), instrumentos musicais (5), armas (9), utensílios de madeira (11), objetos rituais, mágicos e lúdicos (6) e amostras de matérias-primas (10)

ETNIAS: Kuikúro (55) e Kalapalo (1)

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Eduardo Galvão

ANO DA COLETA: 1954 e 1955

CONTEÚDO: 33 peças, do nº 37408 ao nº 37440. Ce-

râmica (3), trançados (4), cordões e tecidos (3), adornos plumários (1), instrumentos musicais (3), armas (4), utensílios de madeira (14) e objetos rituais, mágicos e lúdicos (1)

ETNIAS: não especificadas

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Maria Heloísa Fénelon Costa

ANO DA COLETA: 1964

CONTEÚDO: 18 peças, nº 38464 e do nº 38466 ao nº 38482. Trançados (2), adornos plumários (2), adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador (1), instrumentos musicais (2), armas (2), utensílios de madeira (1) e objetos rituais, mágicos e lúdicos (8)

ETNIA: Mehináku (18)

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Patrick Menget

ANO DA COLETA: 1968

CONTEÚDO: 8 peças, do nº 38758 ao 38765. Trançados (2), instrumentos musicais (2), propulsores Kamayurá (2) e objetos rituais, mágicos e lúdicos (2)

ETNIAS: Kamayurá (2)

OBSERVAÇÃO: inclui peças dos índios Txikão (6)

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Maria Heloísa Fénelon Costa

ANO DA COLETA: 1970

CONTEÚDO: 10 peças, do nº 38943 ao nº 38952. Cerâmica (6), trançados (1), adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador (2) e utensílios de madeira (1)

ETNIA: Mehináku (10)

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Maria Helena Dias Monteiro

ANO DA COLETA: 1970

CONTEÚDO: 30 peças, do nº 38953 ao nº 38982. Cerâmica (11), trançados (3), adornos plumários (3), adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador (4), instrumentos musicais (3), utensílios de madeira (4) e objetos rituais, mágicos e lúdicos (2)

ETNIAS: Waurá (11) e Yawalapití (19)

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Michael Jouin

ANO DA COLETA: 1970

CONTEÚDO: 30 peças, do nº 39052 ao nº 39081. Trançados (6), adornos plumários (2), adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador (5), ins-

trumentos musicais (2), armas (5), utensílios de madeira (4), objetos rituais, mágicos e lúdicos (1) e amostras biológicas e de matéria-prima

ETNIAS: Kuikúro (19), Yawalapití (3) e Mehináku (1)

OBSERVAÇÃO: inclui peças dos índios Txikão (7)

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Manoel Vital Fernandes

ANO DA COLETA: 1971

CONTEÚDO: 32 peças, do nº 39158 ao nº 39191. Cerâmica (4), trançados (4), cordões e tecidos (1), adornos plumários (7), adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador (4), armas (8), utensílios de madeira (2) e objetos rituais, mágicos e lúdicos (2)

ETNIAS: Matipú-Nahukwá (26), Waurá (4) e Kalapalo (2)

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Maria Helena Dias Monteiro

ANO DA COLETA: 1971

CONTEÚDO: 14 peças, do nº 39205 ao nº 39218. Cerâmica (1), trançados (5), adornos plumários (1), instrumentos musicais (1), armas (5) e utensílios de madeira (1)

ETNIAS: Yawalapití (13) e Waurá (1)

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Anthony Seeger

ANO DA COLETA: 1972

CONTEÚDO: 61 peças, numeração descontínua. Trançados (8), cordões e tecidos (1), adornos plumários (7), adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador (20), utensílios de madeira (10) e objetos rituais, mágicos e lúdicos (15)

ETNIA: Suyá (61)

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Thomas Gregor

ANO DA COLETA: 1974

CONTEÚDO: 44 peças, do nº 39322 ao nº 39325 e do nº 39428 ao nº 39467. Zunidores (23), armas (14) e máscaras (7)

ETNIA: Mehináku (44)

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Maria Helena Dias Monteiro

ANO DA COLETA: 1973 e 1974

CONTEÚDO: 72 peças, do nº 39468 ao nº 39539. Cerâmica (10), trançados (12), adornos plumários (11), adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador (2), instrumentos musicais (1), armas

(26), utensílios de madeira (8) e objetos rituais, mágicos e lúdicos (2)

ETNIAS: Yawalapítí (60), Waurá (9), Kamayurá (2) e Mehináku (1)

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Charlotte Emmerich

ANO DA COLETA: 1974

CONTEÚDO: 15 peças, do nº 39569 ao nº 39583. Miniaturas de bancos (15)

ETNIAS: Waurá (7), Yawalapítí (3) e Kalapalo (5)

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Geraldo Pitaguary

ANO DA COLETA: 1981

CONTEÚDO: 7 peças, do nº 40989 ao nº 40998. Ce-

râmica (1), trançados (1), adornos plumários (2), adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador (2) e instrumentos musicais (1)

ETNIAS: não especificadas (3), Mehináku (2), Waurá (1) e Kamayurá (1)

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Emilienne Marie Ireland

ANO DA COLETA: 1983

CONTEÚDO: 26 peças, do nº 41001 ao nº 41026. Cerâmica (11), trançados (4), adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador (1), utensílios de madeira (4) e máscaras (6)

ETNIA: Waurá (26)

FONTE: Levantamento *in loco*

1.2. MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Total de peças xinguanas: aproximadamente 920

Total de coleções: 5

COLEÇÃO: Cândido M.S. Rondon

ANO DE ENTRADA: 1923

CONTEÚDO: 41 peças, numeração descontínua. Cerâmica, armas e trançados

ETNIAS: Bakairi, Mehináku, Nahukwá e Waurá

FONTES: Levantamento preliminar *in loco*; Hartmann & Damy 1986

COLEÇÃO: Museu Dom José – Cuiabá/MT

ANO DE ENTRADA: 1947

CONTEÚDO: 264 peças, sendo 86 de origem xinguanas. Cerâmica, trançados, adornos plumários, indumentária e toucador, adornos de materiais ecléticos e armas

ETNIA: Mehináku (86)

OBSERVAÇÃO: A coleção do antigo Museu Dom José, formada entre 1930 e 1947, foi vendida, em 1947, ao Museu Paulista, sendo posteriormente transferida para o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, no início da década de 1990. Apenas alguns artefatos dessa coleção possuem a data exata da coleta.

FONTES: Levantamento preliminar *in loco*; Hartmann & Damy 1986

COLEÇÃO: E. Glawe

ANO DA COLETA: 1963

CONTEÚDO: 12 peças do nº 13469 ao nº 13480. Cerâmica, adornos, máscara e chocalho

ETNIAS: não especificadas

FONTE: Hartmann & Damy 1986

COLEÇÃO: Harald Schultz

ANO DA COLETA: 1964

CONTEÚDO: 669 peças do nº 11471 a 12140. Cerâmica, adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador, instrumentos musicais, armas, utensílios de madeira e objetos rituais, mágicos e lúdicos

ETNIA: Waurá (669)

FONTES: Levantamento preliminar *in loco*; Hartmann & Damy 1986

COLEÇÃO: M.D. Andreucci

ANO DA COLETA: 1974 e 1976

CONTEÚDO: 96 peças, do nº 13869 ao nº 13964. Cerâmica, cestaria, utensílios diversos, plumária e armas

ETNIAS: não especificadas

FONTE: Hartmann & Damy 1986

1.3. MUSEU DO ÍNDIO FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO – RIO DE JANEIRO

Total de peças xinguanas: aproximadamente 470

Total de coleções: 6

COLEÇÃO: Pedro Lima

ANO DA COLETA: 1950 e 1952

CONTEÚDO: aproximadamente 90 peças. Cerâmica, trançados, adornos plumários, adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador, instrumentos musicais, armas, utensílios de madeira e objetos rituais, mágicos e lúdicos

ETNIAS: Waurá e Mehináku

OBSERVAÇÃO: inclui peças dos índios Txikão

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Eduardo Galvão

ANO DA COLETA: 1954

CONTEÚDO: 17 peças. Adornos de materiais ecléticos e plumários, uluris, pá de beiju, propulsor e pássaro esculpido

ETNIAS: não especificadas

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Irmãos Villas Boas

ANO DA COLETA: 1955

CONTEÚDO: 277 peças, do nº 6230 ao nº 6506. Cerâmica, trançados, cordões e tecidos, adornos plumários, adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador, instrumentos musicais, armas, utensílios de madeira e objetos rituais, mágicos e lúdicos

ETNIAS: Waurá, Mehináku, Yawalapíti, Kamayurá,

Awetí, Kalapalo, Kuikúro e Trumaí

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Gerhard Baer

ANO DA COLETA: 1959

CONTEÚDO: 55 peças. Cerâmica, trançados, cordões e tecidos, adornos plumários, adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador, instrumentos musicais, utensílios de madeira e objetos rituais, mágicos e lúdicos

ETNIAS: Kamayurá, Yawalapíti, Waurá, Kuikúro e Matipú

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Marechal Artur da Costa e Silva

ANO DE ENTRADA: 1969

CONTEÚDO: 29 peças, das quais 6 são xinguanas. Cerâmica, adornos plumários e trançados

ETNIA: Waurá (6)

FONTE: Levantamento *in loco*

COLEÇÃO: II Festival Latino Americano dos Povos Indígenas

ANO DE ENTRADA: 1987

CONTEÚDO: 3 peças. Cerâmica (1) e máscaras (2)

ETNIAS: Kuikúro (2) e Waurá (1)

FONTE: Levantamento *in loco*

1.4. MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

Total de peças xinguanas: 452

Total de coleções: 3

COLEÇÃO: Mário Simões

ANO DA COLETA: 1963

CONTEÚDO: 216 peças (do nº 10645 ao nº 10859 e nº 11361), das quais 140 de origem xinguanas

ETNIAS: Kamayurá (45), Nahukuá (22), Waurá (20), Awetí (14), Suyá (13), Yawalapíti (7), Mehináku (6), Kalapalo (5), Kuikúro (4) e Trumaí (4)

OBSERVAÇÃO: inclui peças Kayabí (40), Juruna (20), Txukahamãe (15) e Txikão (1)

FONTE: Figueiredo & Rodrigues 1973

CONTEÚDO: 1 peça, nº 11297

ETNIA: Kamayurá (1)

FONTE: Figueiredo & Rodrigues 1973

COLEÇÃO: Eduardo Galvão & Protásio Friel

ANO DA COLETA: 1966 e 1967

CONTEÚDO: 569 peças (do nº 11435 ao nº 11615, do nº 11617 ao nº 11821, do nº 11841 ao nº 12023), das quais 140 de origem xinguanas

ETNIAS: Suyá (153), Kamayurá (118), Trumaí (22), Kalapalo (8), Kuikúro (7), Yawalapíti (2) e Mehináku (1)

COLEÇÃO: E. Fitkau

ANO DA COLETA: 1965

OBSERVAÇÃO: inclui peças dos índios Kayabí (166) Posto Diauarum (2)
Juruna (48), Txukahamãe (36), Txikão (6) e do **FONTE:** Figueiredo & Rodrigues 1973

1.5. GABINETE DE ETNOGRAFIA E ETNOLOGIA DO BRASIL UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Total de peças xinguanas: 168
Total de coleções: 1

COLEÇÃO: Eduardo Galvão & Protásio Frikel maí (6), Kuikúro (5), Yawalapíti (3) e Mehináku (1)
ANO DA COLETA: 1966 **OBSERVAÇÃO:** inclui peças dos índios Kayabí (58),
CONTEÚDO: 255 peças, do nº 701 ao nº 946 Txukahamãe (20) e Juruna (9)
ETNIAS: Suyá (74), Kamayurá (71), Kalapalo (8), Tru- **FONTE:** Figueiredo & Rodrigues 1973

1.6. MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Total de peças xinguanas: 449
Total de coleções: 2

COLEÇÃO: Pedro Agostinho da Silva e Mehináku (1)
ANO DA COLETA: 1966 e 1969 **FONTE:** levantamento *in loco*
CONTEÚDO: 169 peças. Cerâmica (18), trançados (25), cordões e tecidos (7), adornos plumários (59), uluri (7), pente (1), “rabo de sucuri” (1), armas (15), flautas (4), zunidores (3), maracá (1), bastão (1), apito (1), utensílios de madeira (17) e objetos rituais, mágicos e lúdicos (9)
ETNIAS: Kamayurá (147), Waurá (17), Yawalapíti (4) **COLEÇÃO:** Aristóteles Barcelos Neto & Maria Ignez Mello
ANO DA COLETA: 1998
CONTEÚDO: 280 peças, coleção sistemática
ETNIAS: Waurá (271), Mehináku (8) e Kuikuru (1)
FONTE: levantamento *in loco*

1.7. MUSEU ANTROPOLÓGICO UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Total de peças xinguanas: aproximadamente 490
Total de coleções: 3

COLEÇÃO: Irmãos Villas Boas **ETNIAS:** Kamayurá e Waurá
ANO DA COLETA: 1969 **OBSERVAÇÃO:** inclui peças dos índios Txikão
CONTEÚDO: 38 peças. Cerâmica, armas e trançados **FONTE:** Levantamento *in loco*
ETNIAS: Waurá, Kuikúro e outras etnias xinguanas não especificadas
FONTE: Levantamento *in loco*
COLEÇÃO: Acary de Passos Oliveira **COLEÇÃO:** Acary de Passos Oliveira
ANO DA COLETA: 1969 **ANO DE ENTRADA:** 1979
CONTEÚDO: 150 peças. Cerâmica, trançados, adornos plumários, adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador, instrumentos musicais, armas, utensílios de madeira e objetos rituais, mágicos e lúdicos
CONTEÚDO: aproximadamente 300 peças xinguanas. Cerâmica, trançados, cordões e tecidos, adornos plumários, adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador, instrumentos musicais, armas, utensílios de madeira e objetos rituais, mágicos e lúdicos

ETNIAS: Kamayurá, Mehináku, Waurá e outras etnias xinguanas não especificadas

OBSERVAÇÕES: a coleção Acary de Passos Oliveira, adquirida pelo Museu Antropológico da UFG em 1979, foi formada ao longo de seu trabalho indigenista no Brasil Central, entre 1947 e 1979. Ape-

nas algumas peças xinguanas da coleção possuem a data precisa da coleta em campo. Um grande volume de peças provenientes de outros grupos indígenas do Brasil Central integra o restante da coleção, que ultrapassa 2000 peças.

FONTE: Levantamento *in loco*

1.8. MUSEU UNIVERSITÁRIO PROF. OSWALDO RODRIGUES CABRAL UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Total de peças xinguanas: 6

Total de coleções: 2

COLEÇÃO: peças adquiridas na Artíndia - FUNAI e na Casa do Amazonas - SP

ANO DE ENTRADA: 1988

CONTEÚDO: 4 peças. Pás de beiju (2), colar (1) e coifa de plumas (1)

ETNIA: Kamayurá (4)

FONTE: levantamento *in loco*

COLEÇÃO: Luiz Philipe

ANO DE COLETA: 1990

CONTEÚDO: 2 peças. Cerâmica zoomorfa (1) e cabaça (1)

ETNIA: Waurá (2)

FONTE: levantamento *in loco*

1.9. COLEÇÕES PARTICULARES

COLEÇÃO: Berta Ribeiro – Rio de Janeiro

ANO DA COLETA: 1976

CONTEÚDO: o total de peças coletado não foi referido pela antropóloga. Existem referências da aquisição de alguns cestos *mayaku* entre os Yawalapíti e os Kamayurá

FONTE: Ribeiro 1979, 1993

COLEÇÃO: Vera Penteadó Coelho – São Paulo

ANO DA COLETA: 1978

CONTEÚDO: aproximadamente 20 peças

ETNIA: Waurá (20)

FONTE: Informação pessoal

COLEÇÃO: Vera Penteadó Coelho – São Paulo

ANO DA COLETA: 1980

CONTEÚDO: 181 peças. Cerâmica, trançados, pás

de beiju, paus de cavar, máscaras, zunidores, bancos, pentes, adornos e armas

ETNIA: Waurá (181)

FONTES: Levantamento *in loco*; Coelho 1993

COLEÇÃO: Rosa Maria Costa – Salvador

ANO DA COLETA: década de 1980

CONTEÚDO: 66 peças. Cerâmica (13), tipóias para carregar criança (2), cesto *tapaka* (1), cesto liso (1), peneiras (2), esteiras *tuavi* (8), arcos (3), flechas (11), banco (1), braçadeira de penas (1), brincos emplumados (3 pares), pentes (4), botoques (2), colares de caramujo (6), colares de tucum e de dente de macaco (4), pulseiras de miçangas (4)

ETNIAS: Suyá (28), Waurá (13), Kamayurá (12), Kalapalo (7), Trumai (4) e Kuikúru (2)

FONTE: ANAÍ – Bahia

2. COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS DO ALTO XINGU EM MUSEUS DA EUROPA

COLEÇÃO: Karl von den Steinen

ANO DA COLETA: 1884

INSTITUIÇÃO: Museu de Etnologia de Berlim – Alemanha

CONTEÚDO: Originalmente a coleção contava com 270 peças, das quais restam apenas 87

ETNIAS: Suyá (46), Bakairi (24), Juruna (11) e os seis artefatos restantes são provenientes dos Kustenau, Kamayurá e Trumai

FONTE: Hartmann 1993: 158-159

COLEÇÃO: Karl von den Steinen

ANO DA COLETA: 1887

INSTITUIÇÃO: Museu de Etnologia de Berlim – Alemanha

CONTEÚDO: Originalmente a coleção possuía 1235 peças xinguanas, das quais restam atualmente 342. Cerâmica, trançados, cordões e tecidos, adornos plumários, adornos de materiais ecléticos, instrumentária e tocador, instrumentos musicais, armas, utensílios de madeira, objetos rituais, mágicos e lúdicos

ETNIAS: Bakairi (118), Mehináku (87), Awetĩ (59), Kamayurá (48), Trumai (18) e Suyá (12)

FONTE: Hartmann 1993: 159-161

COLEÇÃO: Hermann Meyer

ANO DA COLETA: 1896 e 1898-99

INSTITUIÇÕES: as peças estão distribuídas entre os Museus Etnológicos de Berlim, Stuttgart, Leipzig (Alemanha) e São Petersburgo (Rússia)

CONTEÚDO: originalmente por volta de 1700 peças provenientes de duas expedições ao Alto Xingu

ETNIAS: Kamayurá, Awetĩ, Nahukwá, Trumai, Bakairi

FONTES: Hartmann 1986, 1993 e Schaden 1993

COLEÇÃO: Alfred Mansfeld

ANO DA COLETA: 1898-99

INSTITUIÇÃO: Museu de Etnologia de Dresden – Alemanha

CONTEÚDO: 21 peças. Armas, adornos plumários, trançados, rede de dormir e artefatos de usos diversos

ETNIAS: Awetĩ, Kamayurá, Mehináku e Trumai

FONTE: Dorta 1992: 507

COLEÇÃO: Max Schmidt

ANO DA COLETA: 1901 e 1927

INSTITUIÇÃO: Museu de Etnologia de Berlim – Alemanha

CONTEÚDO: aproximadamente 200 peças

ETNIAS: Bakairi, Nahukwá, Mehináku, Awetĩ e Waurá

FONTE: Hartmann 1986, 1993

COLEÇÃO: H. Hintermann

ANO DA COLETA: 1924

INSTITUIÇÃO: Museu de Etnologia da Universidade de Zurique – Suíça

CONTEÚDO: 233 peças. Cerâmica, instrumentos musicais, adornos, armas, brinquedos, utensílios diversos

ETNIA: Bakairi

OBSERVAÇÃO: a coleção também inclui peças Jívaro, Napo e Tena

FONTE: Dorta 1992: 512

COLEÇÃO: Gerhard Baer

ANO DA COLETA: 1955

INSTITUIÇÃO: Museu de Etnologia de Basileia – Suíça

CONTEÚDO: 331 peças

ETNIAS: Kamayurá, Mehináku, Waurá e Yawalapíti

OBSERVAÇÃO: a coleção também inclui peças Xavante

FONTE: Dorta 1992: 518

COLEÇÃO: Victor e Françoise Bandeira

ANO DA COLETA: 1964-65

INSTITUIÇÃO: Museu de Etnologia do Ultramar – Lisboa – Portugal

CONTEÚDO: 65 peças; numeração descontínua. Cerâmica (16), trançados (3), cinto de tecido (1), rede (1), adornos plumários (2), “rabo de sucuri” (2), colar de conchas (1), pentes (2), pás de beiju (3), fuso de fiar (1), cabaças (4), mão-de-pilão (1), pilão de pedra (1), armas (2), flautas “Uruá” (2), zuni-dores (5) e máscaras (18)

ETNIAS: Kamayurá (39), Waurá (16), Mehináku (6), Yawalapíti (3) e Kuikúro (1)

FONTE: Dias & Oliveira 1966

COLEÇÃO: L. Boglar

ANO DA COLETA: 1980-81

INSTITUIÇÃO: Museu de Etnologia de Dresden – Alemanha

CONTEÚDO: 2 máscaras

ETNIA: Kalapalo (2)

FONTE: Kästner, 1990

COLEÇÃO: Günther Hartmann

ANO DA COLETA: 1983

INSTITUIÇÃO: Museu de Etnologia de Berlim – Alemanha

CONTEÚDO: Coleção sistemática

ETNIAS: Kamayurá, Awetí, Mehináku, Waurá, Yawalapíti, Kalapalo, Kuikúro, Matipú-Nahukwá, Trumái e Txikão

FONTE: Hartmann, 1986

3. COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS DO ALTO XINGU EM MUSEUS DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

COLEÇÃO: Vincent Petruzzo

ANO DA COLETA: 1931

INSTITUIÇÃO: University Museum of Philadelphia

CONTEÚDO: 23 peças. Flechas (16), arco (1), rede (1), brinco (1), colares (2) e vasilhas de cerâmica (2)

ETNIA: Waurá (23)

FONTE: Krause, 1936

INSTITUIÇÃO: National Museum of Natural History – Smithsonian Institution

CONTEÚDO: três conjuntos completos de indumentária ritual, sendo dois da cerimônia de Kwāhāhālu e um da cerimônia de Sapukuyawá. A Coleção inclui material documental de campo constituído por duas fitas cassetes e 57 slides fotográficos.

ETNIA: Waurá

FONTE: Ireland, 1985

COLEÇÃO: Robert Carneiro

ANO DA COLETA: 1953-4

INSTITUIÇÃO: American Museum of Natural History – Nova York

CONTEÚDO: Aproximadamente 220 peças, coleção sistemática

ETNIA: Kuikúro

FONTE: Informação pessoal

COLEÇÃO: Michael Heckenberger

ANO DA COLETA: 1993

INSTITUIÇÃO: Carnegie Museum of Natural History – University of Pittsburg

CONTEÚDO: Aproximadamente 180 peças, coleção sistemática

ETNIAS: Kuikúro e Waurá

FONTE: Informação pessoal

COLEÇÃO: Emilienne Marie Ireland

ANO DA COLETA: 1983

BARCELOS NETO, A. Ethnographic collections from the Upper Xingu river: 1884-1998. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 9: 239-255, 1999.

ABSTRACT: This article approaches the formation of Xingu collections since the first German expeditions. It also points out some present problems concerning the acquisition, conservation, documentation, and research of Xingu collections.

UNITERMS: History of ethnographic collections – Acquisition policy – Material culture – Upper Xingu Indians.

Referências bibliográficas

- BARCELOS NETO, A.
1994a *Índios do Brasil Central, Catálogo de exposição*. Salvador: Museu de Arqueologia e Etnologia/UFBA.
1994b Documentação e pesquisa da coleção etnográfica do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA. Relatório anual de pesquisa apresentado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA. Salvador. (digit.)
1995 O grafismo xinguno: seus motivos de composição decorativa. Relatório anual de pesquisa apresentado ao PIBIC/CNPq/UFBA. Salvador. (digit.)
1999 *Arte, Estética e Cosmologia entre os Índios Waurá da Amazônia Meridional*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Florianópolis: Centro de Filosofia e Ciências Humanas/UFSC.
- CARVALHO, M.R.; AGOSTINHO, P.; BARCELOS NETO, A.
1999 Mitologia, Ritual, Cosmologia e Xamanismo nas Áreas do Alto Xingu Meridional e Juruá-Purus (Amazônia Ocidental). Projeto Integrado de Pesquisa apresentado ao CNPq. Salvador: Universidade Federal da Bahia.
- COELHO, V.P.
1993 Motivos Geométricos na Arte Waurá. V.P. Coelho (Org.) *Karl von den Steinen: Um Século de Antropologia no Xingu*. São Paulo, EDUSP: 591-629.
- DIAS, J.; OLIVEIRA, E.V. de
1966 *Arte do Índio Brasileiro*. Catálogo da exposição promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian sob os auspícios e com a colaboração da Embaixada do Brasil em Lisboa. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes.
- DORTA, S.F.
1992 Coleções Etnográficas: 1650-1955. M.C. da Cunha (Org.) *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, Cia. das Letras: 501-528.
- EHRENREICH, P.
1890 Mitteilungen über die zweite Xingu-Expedition in Brasilien. *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, 22.
- FIGUEIREDO, N.; RODRIGUES, I.
1973 As coleções etnográficas em Belém (Pa). *O Museu Goeldi no Ano do Sesquicentenário*, publicações avulsas nº 20. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi: 143-162.
- GRUPIONI, L.D.B. (Org.)
1994 *Índios no Brasil*. Brasília: MEC.
- GUSS, D.
1989 *To weave and sing: art symbol, and narrative in the South American rain forest*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press.
- HARTMANN, T.
1976 Cultura Material e Etnohistória. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, 23: 75-197.
- HARTMANN, T.; DAMY, A.S.
1986 As coleções do Museu Paulista: composição e história. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, N.S., 31: 220-272.
- HARTMANN, G.
1986 *Xingú: Unter Indianern in Zentral-Brasilien. Zur einhundertjährigen Wiederkehr der Erforschung des Rio Xingu durch Karl von den Steinen – Katalog zur Sonderausstellung*. Berlin: Reimer.
1993 As coleções de Karl von den Steinen no Museu Etnológico de Berlin. V.P. Coelho (Org.) *Karl von den Steinen: Um Século de Antropologia no Xingu*. São Paulo, EDUSP:153-179.
- IRELAND, E.M.
1985 Kwāhāhalu and Sapukuyawa Cerimonial Masks. Description of artifacts collected in the Waurá village, Xingu National Park, Mato Grosso, Brazil on April 8, 1983. Report submitted to the National Museum of Natural History, Smithsonian Institution. Washington.
- KOCH-GRÜNBERG, Th.
1902 Reise in Mato Grosso. Expedition in das Quellgebiet des Schingu, 1899. *Mitteilungen der KK Geogr. Gesellschaft in Wien*. Wien: 332-35.
- KRAUSE, F.
1936a Die Waurá-Indianer des Schingú-Quellgebietes, Zentral-Brasilien. *Mitteilungsblatt der Gesellschaft für Völkerkunde*, Heft 7, Juni. Leipzig: 14-31.
1936b Die Yarumá- und Arawine-Indianer Zentral-Brasiliens. *Baessler-Archiv*, Berlin, 19: 32-44.
1937 Forschungsaufgaben im Schingú-Quellgebiet, Zentralbrasilien. *Tagungsbericht der Gesellschaft für Völkerkunde, II Tagung 1936 in Leipzig*, Leipzig: 150-172.
1939 Gegenstände der Waurá-Indianer, Schingú Quellgebiet, Zentral-Brasilien. *Mitteilungsblatt der Deutschen Gessellschaft für Völkerkunde*, Leipzig, 9: 25-40.
1942 Grossmasken in Schinguquellgebiet, Zentralbrasilien. *Mitteilungsblatt der Deutschen Gesellschaft für Völkerkunde*, Leipzig, 11: 3-19.
- KRUSCHE, R.
1977 Unpublished Material on the Ethnography of the Upper Xingu Region (Mato Grosso, Brazil). *Jahrbuch des Museum für Völkerkunde zu Leipzig*, 31. Berlin: Akademie Verlag.
- MEYER, H.
1896 *Tagbuch meiner Brasilienreise, 1896*. Heft eins. Leipzig
1897a *Tagbuch meiner Brasilienreise, 1896*. Heft zwei. Leipzig
1897b Über seine Expedition nach Central-Brasilien. *Sonderdruck aus der Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, Berlin, 3.
1897c Im Quellgebiet des Schingu. Landschafts und Völkerbilder aus Centralbrasilien. *Gesellschaft*

- Deutscher naturforscher und Ärzte, Verhandlungen 1897. Allgemeiner Theil.* Leipzig.
- 1897d Meine Reise nach Brasilien. *Deutsche Kolonial-Gesellschaft. Abteilung Berlin- Charlottenburg. Verhandlungen 1896/97.* Heft 5, Berlin.
- 1898 Bows and arrows in Central Brazil. *Rep. Smithsonian Institution*, 20: 549-91. Washington.
- 1899a Über seine zweite Reise in Zentral-Brasilien. *Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, 26: 261-265. Berlin.
- 1899b Nos arredores das fontes do Xingú. Paizagens e povos do Brazil Central. *Revista Brasileira*, v. 5, tomo 17, fasc. 87. Rio de Janeiro: 302-318.
- 1900 Bericht über seine zweite Xingu-Expedition. *Verhandlungen der Gessellschaft für Erdkunde zu Berlin*, Berlin, 2/3: 112-128.
- 1906 Über die Kunst der Xingú-Indianer. *Internationalen Amerikanisten-Kongress* (Vierzehnte Tagung, Stuttgart, 1904). Stuttgart: 455-471.
- NEWTON, D.
- 1987 Cultura Material e História Cultural. D. Ribeiro (Ed.); B. Ribeiro (Coord.) *Suma Etnológica Brasileira*, v. 2 – Tecnologia Indígena. Petrópolis, Vozes: 15-25. (2ª edição).
- RIBEIRO, B.
- 1979 *Diário do Xingu*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- 1986 Os estudos de cultura material: propósitos e métodos. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, 30: 13-41.
- 1987 Museu do Índio, Brasília. *Cadernos Rio Arte*, Rio de Janeiro, 7.
- 1988 *Dicionário do Artesanato Indígena*. São Paulo: EDUSP
- 1989 Museus e memória: reflexões sobre o colecionamento. *Ciência em Museus*, Belém, 1(2): 109-122.
- 1993 Os Padrões Ornamentais do Trançado e a Arte Decorativa dos Índios do Alto Xingu. V.P. Coelho (Org.) *Karl von den Steinen: Um Século de Antropologia no Xingu*. São Paulo: EDUSP: 563-589.
- 1995 *Os Índios das Águas Pretas. Modo de Produção e Equipamento Produtivo*. São Paulo: EDUSP/ Companhia das Letras.
- RIBEIRO, B.; VELTHEM, L.H. van
- 1992 Coleções Etnográficas: documentos materiais para a História Indígena. M.C. da Cunha (Org.) *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras: 103-112.
- SCHADEN, E.
- 1993 Pioneiros Alemães da Exploração Etnológica do Alto Xingu. V.P. Coelho (Org.) *Karl von den Steinen: Um Século de Antropologia no Xingu*. São Paulo: EDUSP: 109-130.
- SCHMIDT, M.
- 1905 *Indianerstudien in ZentralBrasilien. Erlebnisse und ethnologische Ergebnisse einer reise in den Jahren 1900-1901*. Berlin.
- STEINEN, K. von den
- 1885a Die Schingú-Indianer in Brasilien. *Verhandlungen der Berliner Gessellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte*, Berlin.
- 1885b Erforschung des rio Xingu. *Verhandlungen der Berliner Gessellschaft für Erdkunde zu Berlin*, Berlin, 12: 216-228.
- 1885c Die Sammlung der Schingú-Expedition. *Original-Mitteilungen aus der Ethnologischen Abteilung der Koniglichem Museen zu Berlin*.
- 1886 *Durch Central Brasilien*. Leipzig: Brockhaus.
- 1892 *Die Bakairi-Sprache*. Leipzig: K. F. Koehler's Antiquarium.
- 1894 *Unter den Naturvölkern Central-Brasiliens*. Berlin: Dietrich Reimer.
- 1906 Dr. Max Schmidt: Indianerstudien in Centralbrasilien. *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, 1-2.
- STURTEVANT, W.C.
- 1969 Does Anthropology Need Museums? *Proceedings of the Biological Society of Washington*, Washington, Smithsonian Institution, 82: 619-650.
- VELTHEM, L.H. van
- 1995 *O Belo é a Fera. A estética da produção e da predação entre os Wayana*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo.
- VERSWIJVER, G.
- 1987 Analyse Comparative de la Parure Nahua: Similitudes et différences. *Bulletin Annuel du Musée d'Ethnographie de Genève*, Genève, 29: 23-67.
- VIDAL, L.
- 1997a *Arte e Seus Múltiplos Mundos*. Comunicação apresentada no Seminário "Cultura, Imagens e Representações", realizado durante a exposição "Memórias da Amazônia: Expressões de Identidade e Afirmação e Étnica", Manaus, Centro Cultural Palácio Rio Negro, 28 de maio a 3 de junho.
- 1997b *A Antropologia Amazônica: A Superação das Dicotomias*. Comunicação apresentada no Seminário "Eduardo Galvão", Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi.
- VIDAL, L.; LOPES DA SILVA, A.
- 1995 O sistema de objetos nas sociedades indígenas: arte e cultura material. A.L. da Silva; L. Grupioni (Orgs.) *A temática indígena na escola. Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO: 369-402.